

## A “COLCHA DE RETALHOS”, INFRAESTRUTURA E SUPERESTRUTURA The "patchwork", infrastructure and superstructure

**Glauco BARSALINI**

Faculdade de Jaguariúna  
Faculdade Politécnica de Campinas

Necessariamente, dentro de qualquer arte, há uma consciência física e material. Somente quando o processo de trabalho e seus resultados são vistos e interpretados nas formas degradadas da produção de mercadoria material, que o protesto significativo – a negativa da materialidade pelos trabalhadores necessários com material – é feito e projetado em formas abstratas “superiores” ou “espirituais”. O protesto é compreensível, mas essas formas superiores de produção, incorporando muitas das mais intensas e significativas formas de experiência humana, são compreendidas com mais clareza quando reconhecidas como objetificações específicas, nas organizações materiais relativamente duráveis, daqueles momentos humanos que são, sem isso, os menos duráveis, embora com freqüência os mais poderosos e afetivos. A materialidade inevitável das obras de arte é, então, a materialização insubstituível de tipos de experiência, inclusive a experiência na produção de objetos, que, a partir de nossa mais profunda socialidade, vão além não só da produção de mercadorias, mas também de nossa experiência comum dos objetos. (WILLIAMS, Raymond, p. 162.)

O livro *Marxismo e Literatura*, de Raymond Williams, é centrado no conceito marxista de infra-estrutura e superestrutura, derivando daí as relações entre a produção artística e intelectual (no caso a literária) e as condições materiais que a conduzem. Williams discute, também, as relações que guardam o produto artístico e intelectual com a materialidade que o envolve e, evidentemente, também com o universo abstrato que o sustenta ou que dele deflui.

A reflexão sobre infra-estrutura e superestrutura realizada pelo autor possui como eixo articulador o termo determinação. O velho debate que define a infra-estrutura como a base material sobre a qual se ergue a superestrutura, este, termo

definidor do universo humano da abstração, e que concebe a primeira como complexo determinante da segunda, tal como se a existência da mesma fosse mera e imediata consequência da estrutura material, vem a ser refutado por Williams.

O intelectual inglês clareia o significado etimológico da palavra determinação, fazendo-nos compreendê-lo não restritivamente como querem os debates tradicionais, mas relativamente, como sugere, aliás, o método dialético. Dessa forma, determinar é pensado como condicionar. Assim, a infra-estrutura condicionaria a superestrutura, e não a determinaria. Olhando de forma dialética a relação entre os termos, podemos afirmar que, se por um lado a infra-estrutura condiciona a superestrutura, esta, por sua vez, também condiciona a infra-estrutura. Dessa forma, se a produção material condiciona a determinada ideologia ou a determinado tipo de consciência, por outro lado, esse mesmo determinado tipo de consciência condiciona a realização daquele também determinado tipo de produção material.

Em “A Colcha de Retalhos”, conto de Monteiro Lobato, pode-se compreender esse processo de produção material de um lado, e a atitude espiritual de outro, em torno da colcha de retalhos que a Vó Joaquina costurava.

Cada retalho representava uma etapa da vida de sua neta Pingo d’Água, e, somando-se um a um, amarrados pelos pontos da costura, constituíam uma verdadeira colcha, símbolo de toda a existência da menina.

O produto artístico (a colcha de retalhos) materializava todos os sentimentos que Nhá Joaquina nutria em relação à neta. Tal como um espelho, refletia tudo aquilo que, no plano abstrato, a avó podia produzir em relação a Pingo d’Água: seu afeto, seus sonhos, as concepções de cunho moral, religioso e econômico do que a neta era e as expectativas do que viria a ser. A agregação do retalho do vestido de noiva da moça poria fim a um ciclo de sua vida encerrado naquele objeto de pano (a colcha). Dali para frente ela não mais pertenceria à avó, deixaria de ser a sua menina, alguém em relação a quem a afetuosa senhora detivesse o domínio e a responsabilidade de orientar.

Porém, Pingo d’Água insurgiu-se contra esse domínio, deixando de ser

virgem antes de se casar, colocando um ponto final à possibilidade de algum dia tornar-se “mãe de família”. Matou o que alimentava a vida de sua avó, a condição para a ampliação de sua espécie, tanto ampliação biológica quanto cultural. Estragou, com isso, a colcha, tão linearmente construída, tornando-a, prematuramente, interrompida em sua feitura, enfim, inacabada.

A matéria inacabada, símbolo maior do universo abstrato de Nhá Joaquina, e, por isso, a própria materialização de seu universo espiritual, ao esgotar-se antes do tempo, sentencia a vida dessa senhora ao esgotamento não menos repentino, pois, lembrando-nos das palavras de Raymond Williams, “a materialidade inevitável das obras de arte é a materialização insubstituível de tipos de experiência, inclusive a experiência na produção de objetos, que, a partir de nossa mais profunda socialidade, vão além não só da produção de mercadorias, mas também de nossa experiência comum dos objetos.”

## Referências Bibliográficas

LOBATO, Monteiro. “A colcha de retalhos”. In: **Urupês**, Ed. Brasiliense, 12<sup>a</sup> edição, São Paulo, 1962.

WILLIAMS, Raymond. **Marxismo e Literatura**. Zahar Editores, Rio de Janeiro, 1979.